



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

Escola de Comunicação

Trabalho de conclusão do curso de Fotojornalismo, ministrado por Dante Gastaldoni,
apresentado por Adiel Beatriz Queiroz de Souza - DRE 116174258

A fotografia na produção de sentido e memória através da história da Psicologia, e como instrumento de pesquisa e documento

“(...) Dentro da biblioteca a professora conversou com a gente sobre como funcionaria a pesquisa. Nos posicionamos de frente para as prateleiras que possuía aqueles vários cadernos bem grandes. Neles estavam todas as fichas dos pacientes que deram entrada no Hospital Nacional dos Alienados de 1908 a 1920 e poucos. Abrimos um dos cadernos sobre a mesa e o meu primeiro pensamento, na expectativa, foi: FOTOS! Já em 1908 a maioria das fichas do hospital possuíam fotos. As fotografias certamente me desconcertam porque elas nos fazem relacionar aqueles documentos diretamente aos rostos, aos seres humanos. E instigou mais a minha curiosidade: qual era a situação daquela pessoa em particular? As imagens em que é necessário que alguém segure a cabeça do paciente são as mais chocantes.(...)”

Mariana Carmo. 21 de novembro de 2017, Rio de Janeiro.

Fotografia: memória, sentimento e história

A fotografia tem como grandes características, duas delas, relatar e documentar. Uma foto tem a capacidade de contar histórias de séculos passados, por exemplo. Segundo Roland Barthes, há na imagem o fenômeno de indicialidade, ou seja, a foto serve também como um indício ou comprovação de uma história que pode ter sido alvo de uma quebra de legitimidade com o passar do tempo. Em muitos casos, um documento oficial vem acompanhado de uma foto, seja de alguém ou de um local. A foto vem sempre acompanhada com um sentimento de fazer existir, de fazer comprovar.

Fotos, sustenta Woolf, “não são um argumento; são simplesmente a crua constatação de um fato dirigido ao olho (...) o olho está ligado ao cérebro; o cérebro ao sistema nervoso. Esse sistema envia suas mensagens na velocidade de um raio através de toda a memória do passado e do sentimento do presente”. Isto é, as fotos são um registro objetivo e também um testemunho pessoal, tanto uma cópia ou uma transcrição fiel de um momento da realidade como uma interpretação dessa realidade.

André Rouillé compreende a fotografia a partir de sua função elementar de registro, aprisionando-a na metafísica do ser, ou seja, nos limites de uma existência, subjugando a realidade às coisas palpáveis e ignora um dos elementos cruciais da linguagem fotográfica: ela não representa as coisas exatamente como elas são; “o processo fotográfico é precisamente o acontecimento” que proporciona o encontro da imagem com o seu referente. A fotografia é um processo, um evento, afirma Rouillé.

Psicologia e fotografia

Na Psicologia, a fotografia tem sido um instrumento potente de análises históricas e de pesquisas qualitativas e é cada vez mais utilizada em diferentes áreas para investigação das mais diversas questões. Considerando que a fotografia está cada vez mais presente na comunicação e no cotidiano, cabe também explorar suas possibilidades como instrumento de pesquisa. Alguns artigos fazem levantamentos dos estudos em que se utiliza a fotografia na metodologia de investigação e analisam o alcance e limitações de seu uso. O exame das poucas pesquisas que se valeram da fotografia demonstrou que o recurso fotográfico é ainda pouco explorado pela Psicologia como um recurso eliciador da subjetividade.

No início do século XX, a fotografia serviu para a seleção de pessoas capacitadas a trabalhar na reconstrução pós-guerra. Tal pesquisa (ANDERSON, 1921; Neiva-Silva; Koller, 2002) tentava criar um critério, comparando traços faciais com QI, que rapidamente indicassem quais pessoas se encaixariam em categorias relacionadas à inteligência superior ou inferior. Como conclusão deste estudo, tal método não foi considerado confiável uma vez que não foi possível correlacionar significativamente as imagens com o coeficiente de inteligência.

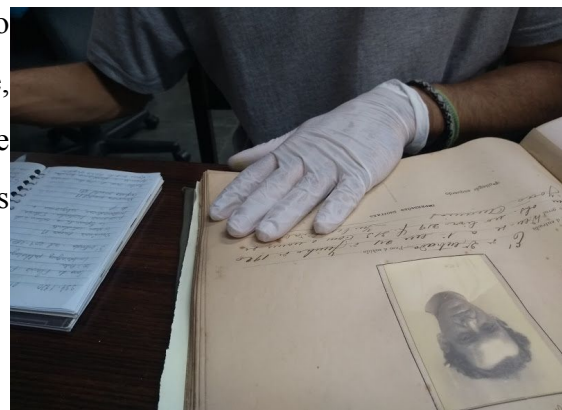
Outra pesquisa da época, realizada por Pintner em 1918 (Neiva-Silva; Koller, 2002), procurava relacionar traços físicos com a inteligência, desta vez, com crianças. Um corpo de juízes composto por profissionais de diversas áreas deveria organizar as fotos em uma sequência que indicasse qual criança teria maior ou menor nível de inteligência.

O principal objetivo, ao se trabalhar com a fotografia junto à Psicologia, atualmente, é a atribuição de significado à imagem. As relações estabelecidas entre estes dois construtos foram, inicialmente, colocadas por William James (1890, citado por Dinklage & Ziller, 1989) que definiu o significado das palavras como sendo imagens sensoriais trazidas à consciência. Assim, adotando-se o pressuposto de que parte das pessoas teria dificuldade em expressar verbalmente determinados temas, o uso da fotografia poderia auxiliar na comunicação destes significados, permitindo uma melhor compreensão destes conteúdos por parte do pesquisador.

Hospício Nacional de Alienados

No Brasil, em 8 de dezembro de 1852 foi inaugurado o Hospício Pedro II, com a presença do Imperador, conhecido popularmente como “Palácio dos Loucos”. Em 1890 o hospital é renomeado por Hospital Nacional de Alienados.

O depoimento que abriu esse trabalho é de Mariana Agatha Silva do Carmo, estudante de Psicologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que faz pesquisas no Acervo da Biblioteca João Ferreira do IPUB - UFRJ (Instituto de Psiquiatria Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Todas as quartas e sextas-feiras, Mariana e um grupo de colegas de curso vão até a biblioteca e procuram nos livros do Acervo testes psicológicos, ou testes de inteligência, de pacientes internados no Hospital Nacional de Alienados, atual Palácio Universitário da UFRJ, entre 1908 e 1930. Com luvas e muito cuidado, os alunos percorrem os livros em buscas desses exames, com objetivo de pesquisa e análise, escrevendo fatos que, segundo eles, despertam e merecem atenção e escrevem diários de campos narrando as suas experiências.



Os testes psicológicos feitos naquela época foram criado por Alfred Binet, pedagogo e psicólogo conhecido pela sua contribuição no campo da psicometria, e eram aplicados a fim de avaliar a inteligência do paciente interno e, desse modo, diagnosticar a doença mental. Na ficha das pessoas internadas no Hospital, além do teste psicológico, há também a avaliação fisiológica (identifica doenças orgânicas) e os retratos dos pacientes.

É interessante colocar rostos naqueles testes. Os diagnósticos eram variados, mas o alcoolismo foi dado muitas vezes como o motivo da internação. Histeria, psicose, enfraquecimento mental adquirido eram diagnósticos que vinham acompanhados de nomes e de rostos que apareciam através da foto. Nesse caso, aquelas fotografias, analisadas hoje, humanizam aquelas pessoas, elas deixam de ser somente um número e se tornam pessoas que estão em um acervo histórico.

Quando fotografados, os pacientes esboçavam as mais variadas poses e expressões. A maioria ficava neutra, como se imitasse uma foto três por quatro de uma identidade, outros pareciam perturbados, demonstrando seu desequilíbrio psicológico do momento e, em muitos casos, precisavam de enfermeiros que segurassem-os.

Foto: Adiel Beatriz.
Biblioteca João Ferreira, IPUB-UFRJ.



Os relatos que os estudantes escrevem são acompanhados, muitas vezes por fotos tiradas em seus celulares a fim de recordarem e gravarem além dos escritos. A fotografia, mais uma vez, sendo documento. A subjetividade de detalhes do Diário de Campo de Mariana reflete como é a experiência da pesquisa e do conhecer. Lidar com documentos de tamanha história

“No segundo dia de pesquisa cheguei adiantada e por isso sentei no pátio do instituto aguardando meus colegas chegarem. Pude observar os pacientes perambulando por ali. Um deles passou dizendo com bastante convicção "Me passa o fuzil porque eu gosto é de guerra". Pensei em como o comportamento dele se encaixava no estereótipo do louco. E se ele estivesse em outro ambiente seria olhado com estranheza, mas ali todos ao redor tratam com naturalidade. Também constatei como um dos seguranças era bem paciente e atencioso com eles.

Já dentro da biblioteca e antes de começar a pesquisa, a professora Ana Jacó pediu que lêssemos os diários de campo dos outros colegas. Foi interessante ler outros relatos com diferentes estilos de escrita e que dão ênfase a outros aspectos. Me permitiu conhecer diferentes sentimentos e pensamentos sobre a mesma experiência, desde a chegada do email até o primeiro dia do projeto.

A Maira e a Leda iniciaram na pesquisa nessa sexta-feira e foi intrigante perceber que elas tiveram dúvidas parecidas com as nossas, como a questão das formas dos crânios demarcadas nas fichas médicas. Nós também ficamos curiosos para saber como era possível aquelas demarcações estarem no papel no nosso primeiro dia da pesquisa. Discutimos sobre isso e a professora Ana Jacó nos disse que existia um instrumento específico que era colocado na cabeça, usado para medir e através dele era feito o desenho no papel.

Conversar com a Leda sobre a graduação foi bastante enriquecedor por ela estar no 9º período, quase se formando, o que contrasta com o fato que eu e meus colegas somos calouros. Ela me passou uma diferente perspectiva sobre um professor, que ela considera um ótimo terapeuta. Esse professor fazia uso de um tipo de psicoterapia que eu ainda não tinha visto ser mencionada e que me pareceu bastante interessante. É curioso para mim conhecer alguém que já está refletindo sobre o que vai fazer após a graduação. E pude, também, perceber que a crise na UERJ a afeta diretamente pois em um cenário ideal ela estaria se formando no mês que vem.

Entre o primeiro dia de pesquisa e o segundo eu resolvi buscar no google um pouco sobre a internação do Lima Barreto. Eu li que na primeira entrada no Hospício Nacional dos Alienados ele foi considerado branco, sendo que ele era negro. Eu vi nos cadernos muitos pacientes nitidamente negros e identificados como pardos. A Maira encontrou um caso, em específico, que no topo da ficha foi escrito "cor: pardo" e abaixo nas observações declarava que o paciente era negro.

Algumas fichas tinham notícias de jornal coladas que se referiam àquele determinado paciente, me lembro de uma com o título "louco na via pública". Achei fascinante o fato de os funcionários recortarem e colarem essas notícias. Pensei na importância do jornal naquela época, em como ele fazia parte da rotina de praticamente toda a população, e que agora essa relação mudou totalmente por conta da internet. No meio das infinitas informações instantâneas eu escolho em qual clicar, enquanto aquela notícia colada estava nesse jornal em que toda a cidade lia a mesma seleção de informações.

Por enquanto ainda não achamos nenhum teste psicológico nos cadernos. Examinei atentamente a três deles. Por conta da procura por testes, os casos que possuem folhas adicionais prendem a atenção. Encontrei muitos exames neurológicos e oftalmológicos.

Agora bastante familiarizada com o material, apenas leio os casos inteiros em que a caligrafia é de fácil compreensão, mas não deixo de notar as fotos e informações básicas de todos.”

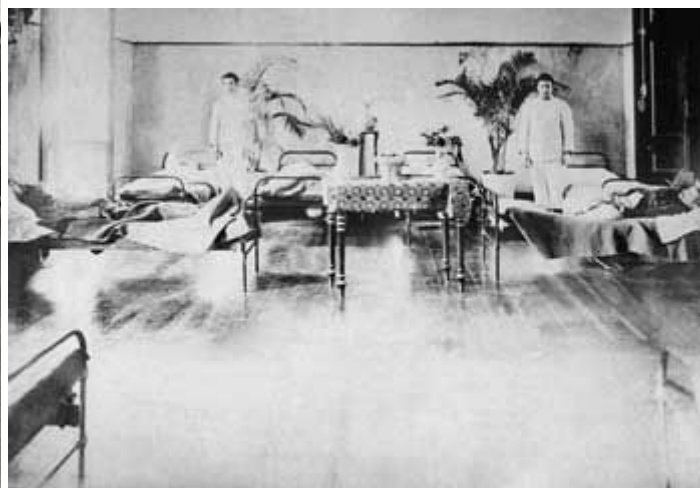
Data: 28/11/2017

Local: Biblioteca do IPUB

Aluna: Mariana Agatha Silva do Carmo

O psicólogo, estudando e desvendando as significações levantadas no decorrer da pesquisa, entra em contato com a realidade que estuda, constrói instrumentos, observa, instiga e, através dos procedimentos que utiliza, transforma tal realidade. O que se pode esperar, então, da pesquisa qualitativa em Psicologia é, mais do que comprovar teorias, apontar os sentidos que a realidade estudada faz emergir. Para compreender e interpretar os dados coletados em entrevistas semi-estruturadas, os pesquisadores conferem à fala e à linguagem um lugar especial, capaz de abrir caminhos para que as significações possam emergir.

Além do seu acervo histórico escrito, o Hospital Nacional de Alienados conta com a história documentada por foto. No site Memória da Loucura do Centro Cultural da Saúde existe um acervo de fotografias que produzem sentido e memória. As fotografias contam a história de um local que foi se degradando em decorrência da superlotação e, ao mesmo tempo, de um lugar onde a desigualdade de classe também visível conforme o modo de tratamentos, acomodações, etc.



Autor: Desconhecido. Imagens retiradas do site Memória da Loucura. Enfermaria do Hospital Nacional de Alienados.



Autor: Desconhecido. Imagens retiradas do site Memória da Loucura. Ala Feminina e Pátio com pacientes.

O escritor Lima Barreto, por exemplo, ficou internado no Hospital Nacional de Alienados para tratar a doença diagnosticada, o alcoolismo.



A experiência de sua segunda internação, de 25 de dezembro de 1919 a 2 fevereiro de 1920, é retratada em seu “Diário do Hospício”, no qual descreve o cotidiano e as instalações daquela instituição:

“O Hospício é bem construído e, pelo tempo em que o edificaram, com bem acentuados cuidados higiênicos. As salas são claras, os quartos amplos, de acordo com a sua capacidade e destino, tudo bem arejado, com o ar azul dessa linda enseada de Botafogo que nos consola na sua imarcescível <beleza>, quando a olhamos levemente enrugada pelo terral, através das grades do manicômio, (...).”(BARRETO, 1993, p.27) “Eu entrei na secção Calmeil, secção dos pensionsitas, na segunda feira, 28 de dezembro. O Inspetor da secção é um velho português de perto de sessenta anos, que me conhece desde os nove. Ele foi em 90, com meu pai, nomeado escriturário das colônias da Ilha do Governador, exerceu as funções de enfermeiro-mor da Colônia Conde de Mesquita. As suas funções eram árduas, porquanto, ficando ela a dois quilômetros e meio da sede da administração, ele arcava com toda a responsabilidade de governar uma centena de loucos, numa colônia aberta para um grande campo, cheio de vetustas mangueiras, a que o raio e o tempo tinham desmanchado os maravilhosos quadriláteros, um dentro do outro, formando uma alameda quadrangular, que devia ser soberba quando intacta, aí pelos tempos de Dom João VI, que a conheceu, pois o edifício principal dela tinha sido uma das casas de recreio que o bom e gordo rei tinha pelos arredores do Rio.” (BARRETO, 1993, p.29)

As palavras do escritor Lima Barreto auxiliam a compreensão de um espaço histórico e, quando juntas às imagens, fazem sentir e reviver.

Prontuários encontrados nos arquivos do antigo Hospício de Pedro II evidenciam a subdivisão de classes sociais que pauta, à época, os serviços de assistência aos doentes mentais do manicômio.

Pertenciam à primeira classe os indivíduos brancos, membros da Corte, fazendeiros e funcionários públicos; à segunda, os lavradores e serviçais domésticos; e à terceira, pessoas de baixa renda e escravos pertencentes a senhores importantes.

Existia ainda uma outra classe, mais numerosa que as anteriores, destinada aos marinheiros de navios mercantes, aos indigentes, principalmente os ex-escravos, e aos escravos de senhores que comprovadamente não tivessem recursos para a despesa do tratamento. Enquanto os pacientes de primeira e segunda classes viviam em quartos individuais ou duplos e se entretiam com pequenos trabalhos manuais, jogos e leitura, os de terceira e quarta trabalhavam na cozinha, manutenção, jardinagem e limpeza.

Paradoxalmente, os últimos recuperavam-se com mais facilidade que os primeiros, que, paralisados pelo ócio, perpetuavam-se na internação.

Colônias Agrícolas

As colônias agrícolas destinadas ao acolhimento e isolamento de alienados mentais surgiram na Europa na primeira metade do século XIX como um novo procedimento asilar.

No incipiente regime republicano brasileiro foram criadas na atual Ilha do Governador, Rio de Janeiro, os primeiros espaços institucionais agrícolas destinados aos alienados masculinos indigentes. Tinham por objetivo resolver o problema da superpopulação do Hospital Nacional de Alienados (ex-Hospício Pedro II), bem como o de suprirem a necessidade da geração de novos locais destinados ao exercício do tratamento terapêutico laboral.

Na primeira década do século XX, o alienista Juliano Moreira, Diretor da Assistência Médico-Legal aos Alienados e Diretor Geral do Hospital Nacional de Alienados, foi favorável ao incremento de colônias agrícolas, propondo novos modelos que satisfizessem o discurso científico do consolidado saber médico alienista.



Nesse mesmo período, no Hospício São Pedro, que tinha sido inaugurado em 1884 em Porto Alegre, a questão da lotação de alienados causava inquietação ao doutor Dioclécio Sertório Pereira Silva, diretor da instituição de alienados de 1908 a 1924. Correspondências enviadas ao Dr.

Protásio Alves, Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, em 27 de março e 28 de maio do primeiro ano de administração do Dr. Dioclécio, mencionavam não só a preocupação com a falta de funcionários e com a estrutura do prédio, mas principalmente

com a superpopulação manicomial.



Reforma Psiquiátrica

Segundo Paulo Amarante, com as experiências e reflexões de Franco Basaglia no norte da Itália, o conceito de Reforma Psiquiátrica sofre uma radical transformação. Ao invés da reforma do hospital psiquiátrico como um espaço de reclusão e não de cuidado e terapêutica, postula-se a sua própria negação. Em outras palavras, enquanto espaço de mortificação, lugar zero das trocas sociais, o hospital psiquiátrico passa a ser denunciado como manicômio, que se pauta na tutela, na custódia e na gestão de seus internos.

Argumenta-se hoje que, assim como a psiquiatria cria paradigmas tais como alienação, degeneração ou ainda doença mental e advoga uma incapacidade de juízo, de razão, de participação social do louco, ela constrói como projeto terapêutico nada mais que um espaço de exclusão: o manicômio.

Dessa forma, o ideal de uma Reforma Psiquiátrica, após Basaglia, seria uma sociedade sem manicômios, isto é, uma sociedade capaz de abrigar os loucos, os portadores de sofrimento mental, os diferentes, os divergentes, uma sociedade de inclusão e solidariedade!

No Brasil, o processo de Reforma Psiquiátrica é iniciado no final dos anos 70, a partir do Movimento de Trabalhadores de Saúde Mental. A Reforma Psiquiátrica como “processo político e social complexo” é formado por um conjunto de atores e instituições: gestores, trabalhadores, usuários, familiares, movimentos sociais, docentes, pesquisadores e estudantes. “Compreendida como um conjunto de transformações de práticas, saberes, valores culturais e sociais, é no cotidiano da vida das instituições, dos serviços e das relações interpessoais que o processo da Reforma Psiquiátrica avança, marcado por impasses, tensões, conflitos e desafios.”

Conclusão

A fotografia é potente para ilustrar algum conhecimento já adquirido, para fazer conhecer. Quando utilizada, a fotografia, por seu caráter expressivo e plástico, possibilita colocar imagens onde ainda não há palavras, dar forma ao indefinido e, depois, olhar para este conteúdo e significá-lo. Para aquele que a observa, uma fotografia é tanto contemplação quanto espelho daquele que contempla. Observar uma fotografia é, muito além de um instrumento lúdico, um ato criativo capaz até de criar novos valores. É mais do que decodificar uma mensagem objetiva, mas sim marcar a imagem, revê-la, refazê-la e, assim, construir através do olhar.

A fotografia vem sendo utilizada nas pesquisas em Psicologia como um facilitador para a produção de sentido. Contudo, ainda são poucas as pesquisas feitas por psicólogos em que a fotografia ocupe um lugar de destaque como instrumento eliciador da subjetividade.

Apesar da maior abertura a novas formas de linguagem na metodologia da pesquisa em Psicologia, a fotografia é tomada como um instrumento de suporte, como documento e às vezes como uma desculpa, um engodo para que os participantes se convençam a falar. Certamente não estamos desmerecendo as pesquisas que se utilizam da fotografia de outras

formas, pelo contrário, o objetivo da presente discussão é abrir caminhos, explorar possibilidades e não se deter diante de qualquer alternativa, tal como a que poderíamos propor sob a seguinte indagação: será que ao invés de suporte a fotografia poderia ser tomada como ação?

Referências

Bragança, Juliana. Fotografia e imagem.

Freund, Gisèle. La fotografia como documento social.

O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia, Lucas Neiva-Silva e Sílvia Helena Koller.

Rouillé, André. A fotografia: entre documento e arte contemporânea.

Sontag, Susan. Diante da dor dos Outros.

<http://www.ccs.saude.gov.br/memoriadaloucura>

<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/hospedro.htm#historico>